

BAUMAN, Zygmunt. 2005. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

*Ivan Marcelo Gomes
Felipe Quintão de Almeida*

Com profícua produção intelectual desde os anos 1950, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman tem alcançado notoriedade no cenário sociológico brasileiro a partir da década de 1990, devido às várias publicações em português. Seus escritos dos anos 1960 e 1970, praticamente desconhecidos no Brasil, não podem ser comparados em relevância com os trabalhos do final dos anos 1980 e da década de 1990, boa parte deles já publicados em nosso país, quando o debate entre modernidade e pós-modernidade assume a centralidade até então ocupada pelas celeumas que envolviam a discussão entre capitalismo e socialismo em sua obra. Apesar dessa reordenação meta-teórica em seu pensamento, o que, aliás, rendeu-lhe o título de *profeta da pós-modernidade*, Bauman ainda mantém no cerne de sua *Sociologia da pós-modernidade* (ou como ele prefere, *Sociologia da modernidade líquida*) a preocupação com a liberdade, a igualdade e a emancipação humana numa sociedade que pudéssemos denominar de boa, quer dizer, aquela que, ao medir a qualidade de uma ponte pelo seu pilar mais frágil, obsessivamente se considera como insuficientemente boa, num esforço infundável em busca de justiça social e de uma vida mais moral.

Desde a repentina aparição de seus livros no país, o ecletismo característico de sua escrita sociológica tem despertado a atenção de estudiosos não apenas do campo sociológico, de tal modo que, se não endossamos suas principais teses, já não podemos mais ignorá-las. Na obra aqui resenhada, a versão brasileira do livro *Wasted Lives: Modernity and Outcasts*, seu foco nos remete a um tema típico da leitura de Bauman, quer dizer, a produção do refugio humano (ou da ambivalência) na modernidade, atravessando suas análises nesse livro as distinções sobre a criação e o tratamento dado aos refugos tanto na modernidade sólida (sociedade de produtores) quanto na modernidade líquida (sociedade de consumidores). O livro apresenta-se dividido em quatro capítulos – (1) *No começo era o projeto*; (2) *Serão eles demasiados?*; (3) *A cada refugio seu depósito de lixo*; (4) *A cultura do lixo* –, apontando questões macro-sociais nos primeiros capítulos e enfatizando questões individuais no final da obra. Este aspecto vem se constituindo numa característica do autor ao procurar tensionar aspectos individuais e estruturais em sua abordagem teórica.

Bauman, retomando uma temática extensamente desenvolvida por ele em *Modernidade e ambivalência* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999), já na introdução de *Vidas desperdiçadas* apresenta-nos a idéia segundo a qual a produção do refugio humano na modernidade está vinculada à construção da ordem e ao progresso econômico. Ao eleger como marca principal e distintiva de seu projeto a *ordem como tarefa*, a modernidade pôs-se em guerra contra toda e qualquer ambivalência e ambigüidade que colocasse em risco o racional trabalho de ordenação. Como forma de vida ela tornava-se possível assumindo uma tarefa impossível: o impulso para a ordem dotada de um propósito retirou toda sua energia do horror à ambivalência. Entretanto, eis o paradoxo, tais impulsos modernos para a ordem geraram mais ambivalência, o que faz do significado mais profundo desta a impossibilidade da ordem.

Onde há projeto, portanto, existe refugio. “A separação e a destruição do refugio seriam o segredo comercial da criação moderna” (p. 31). Essa tarefa foi o mais profundo significado da colonização e das conquistas que a partir de seus problemas locais impunham soluções globais¹. Assim, os indesejáveis (locais) eram removidos para áreas que, sob domínio dos modernizadores, assumiam a função (global) de “...aterros sanitários a serem utilizados para o despejo do refugio humano da modernização” (p. 12). Todavia, com o triunfo da globalização, os diversos Estados-Nação, invertendo a estratégia modernizante anterior, têm de encontrar atualmente soluções locais para problemas que são produzidos globalmente. Constitui-se então, segundo a reflexão desenvolvida, “...uma crise aguda da indústria de remoção do refugio humano” (p. 13). Atualizando uma constatação já presente em *Amor líquido* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004), Bauman alerta-nos: nosso mundo está cheio. Não sabemos mais o que fazer com o refugio humano. Esta distinção e a tensão provocada em função desta mudança permeiam as análises do autor sobre a atualidade, enfatizando, dentre outros aspectos: 1) a questão da segurança no interior de um mundo gerido por uma economia política da incerteza; 2) a precariedade criada em virtude da desregulamentação presente nos processos de globalização, acentuando o temor vinculado ao rompimento de fronteiras entre os Estados-Nação; 3) as precárias

¹ O enfrentamento dos problemas gerados localmente exigia soluções pensadas universalmente, eis a tarefa dos legisladores (filósofos e políticos) nos estágios iniciais da modernidade. Regidos pela regra da razão universal, puseram-se a domar o que consideravam como caos, falta de cultura, idiosincrasia ou, numa só palavra, refugos do processo levado a cabo pela e na modernidade. Tais aspectos foram profundamente trabalhados por Bauman no livro *Legisladores e intérpretes: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales* (Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997).

garantias de segurança provenientes da economia e da *sociedade*, que direcionam as ações para a busca da segurança individual (corporal).

No primeiro capítulo são apresentados mal-estares que assaltam a geração nascida no admirável e líquido mundo moderno. Essa geração X (nascidos a partir de 1970), tal como Bauman a designa, foi *elaborando* uma outra relação com o emprego em virtude de sua escassez e de sua precarização, bem como em função de um certo discurso a favor da flexibilidade individual e da necessária falta de apego aos vínculos empregatícios. Nesse bojo, o trabalho já não pode mais oferecer um eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida. Despido de seus adereços escatológicos e arrancado de suas raízes metafísicas, perdeu a centralidade que se lhe atribuía a galáxia dos valores dominantes da sociedade regida pela vocação ética do produtor. Outrora uma condição claramente temporária e anormal, a noção de desemprego que ganhou proeminência durante o nascimento da geração X sugere permanência e aponta para a regularidade da condição. Na sociedade de consumidores atual, as baixas colaterais – os refugos humanos – resultado do progresso do mundo do trabalho são consideradas um problema financeiro, inexistindo locais para os refugados no modelo neoliberal a não ser o monte de lixo. Já não há mais espaço para esse lixo humano produzido pela sociedade de consumo. São seres *redundantes*, sem função, não consomem; diferentes, desta forma, dos exércitos de reserva da sociedade de produtores. Os refugos numa sociedade de consumidores devem ser excluídos. Bauman apresenta aqui uma descrição interessante do refugo: “...o problema mais angustiante e o segredo mais guardado de nossos dias” (p. 37).

Em uma inversão da crença weberiana, o autor ressalta que o problema para os indivíduos contemporâneos está na indeterminação dos fins que são múltiplos e efêmeros. O caminho *certo* a ser seguido se desmorona rapidamente, tornando tal situação ainda mais angustiante para os refugos que não possuem nenhuma rota segura para pertencer aos *integrados*. A incerteza nas formas de agir contrasta, de certa forma, com a clareza com que se é identificado como refugo, pois este é uma construção do pensamento, uma imagem do mundo. O refugo é uma forma de denominação que contribui na definição da norma. O refugo, dentro de uma sociedade que prega o novo e a aceleração, deve ser separado e destruído como um lixo. Mas onde colocá-lo neste contexto global? Os integrados buscam torná-los invisíveis e inimagináveis. O refugo é uma lembrança cotidiana do perigo. Um lembrete do futuro que pode *agraviar* qualquer um. Por isso, devem tornar-se invisíveis e inimagináveis. Assim, entra em cena uma indústria que só tende a crescer: a de remoção do lixo.

Mas se existe o desejo de excluí-los, onde colocá-los? Esta questão subjaz todo o segundo capítulo do livro. Se na modernidade sólida os refugos decorrentes dos processos modernizadores eram enviados para áreas vazias², na modernidade em seu atual estágio, embora permaneçam as baixas colaterais do progresso econômico, não existem mais tais áreas onde colocá-los. Daí a preocupação dos Estados e das organizações internacionais com a superpopulação dos países pobres ou em desenvolvimento. Este excesso de refugio produzido globalmente inquieta e faz parte, mais do que nunca, da agenda política dos Estados-Nação integrados à modernidade atual. Refugiados e imigrantes tornam-se um alvo preferencial das potências mundiais, pois permitem a visualização da força estatal perante suas populações. Tais Estados exercitam a criação do medo dos refugos. Os refugos humanos são moldados como os instauradores da insegurança, os pregadores da violência: há uma espécie de afinidade eletiva entre os imigrantes e os menos toleráveis de nossos próprios temores domésticos. Desta forma, estes Estados buscam atender aos apelos (que eles próprios ajudaram a criar) da população que clama por segurança. Já que não pode ter as rédeas da economia, seu foco dirige-se para os perigos atrelados aos refugos. Assim, tais Estados continuam a afirmar sua prerrogativa essencial de soberania básica, quer dizer, o “direito de excluir” (p. 45). Nesse bojo, a alternativa do Estado parece ter sido encontrada na questão da segurança pessoal: “...ameaças e perigos aos corpos humanos, propriedades e hábitos provenientes de atividades criminosas, a conduta anti-social da ‘subclasse’ e, mais recentemente, o terrorismo global” (p. 68). Em outras palavras, a nova demanda popular por um poder de Estado vigoroso, com condições de ressuscitar as fracas esperanças de proteção contra o confinamento ao lixo, é construída sobre os pilares da vulnerabilidade e da segurança pessoais, e não da precariedade e da proteção sociais.

Bauman *finaliza* esta discussão apontando mais um paradoxo: o refugio deve ser excluído, mas também é necessário. O autor argumenta que uma sociedade do consumo que enfatiza o conforto, o esforço mínimo e a busca incessante de sensações prazerosas não estimula seus integrantes (os consumidores) a realizarem o serviço sujo vinculado ao lixo produzido diariamente. O transtorno ocasionado pelo lixo não combina com o consumidor. O lixo combina com pessoas do seu nível: os refugos.

A incapacidade de controle estatal perante a economia globalizada, quer

² Áreas vazias ou espaços vazios, como diz Bauman em *Modernidade Líquida* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001), são, antes de mais nada, vazios de significado. Não que sejam sem significados porque são vazios: é porque não têm significado, nem se acredita que possam tê-los, que são vistos como vazios ou, melhor seria dizer, não vistos. São apenas resíduos inevitáveis do processo de mapear o espaço partilhado por muitos usuários diferentes.

dizer, sua territorialidade ante a força extraterritorial do capital – eis o que a política com P maiúsculo se tornou hoje (*Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000) –, é retomada e aprofundada no terceiro capítulo. A impossibilidade de legislar com segurança frente aos fluxos globais contribui, como enfatizado anteriormente, na mudança de foco do Estado. Esta mudança propicia uma nova roupagem ao caracterizar a passagem do Estado Social para o Estado Penal, tema já abordado por Bauman no último capítulo do livro *Globalização: as conseqüências humanas* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999) e aqui mais bem desenvolvido. O Estado se silencia na área social e investe na criminalização, no seu poder de excluir os indesejáveis. Este formato estatal retoma uma questão anteriormente colocada: onde colocar os refugos na ausência de áreas vazias? Para o autor, esta questão está articulada com um dos resultados mais fatais do triunfo global da modernidade, quer dizer, a “crise aguda da indústria da remoção do lixo humano” (p. 89). Neste contexto, os *Novos Estados Modernos* são pressionados para buscarem soluções locais para seu refugio, embora estes problemas sejam produzidos globalmente. Novamente se constitui a preocupação com o excesso do refugio humano. Os desafios colocados aos países modernos desenvolvidos para enfrentar a ambigüidade que é o refugio (o indesejável e o necessário) apresentam um novo elemento: o comércio do refugio humano. *Empresas* se especializam para transportar os ilegais para estes países. Um filão de mercado que parece não cessar.

Imersos nessa crise, advoga Bauman, uma das indústrias que mais prosperaram nas terras dos retardatários relaciona-se à produção maciça de refugiados: “...milhões de migrantes vagam por estradas que já foram trilhadas pela ‘população excedente’ descarregada pelas estufas da modernidade (...)” (p. 93). Os refugiados são destituídos de um Estado que lhes garanta uma *identidade* e colocados em abrigos que ampliam esta carência identitária. Os refugiados são *foras da lei*, “...não desta ou daquela lei deste ou daquele país, mas da lei como tal” (p. 96). A *vida crua* (utilizando um termo de Michel Agier) à qual está submetido o refugiado é sempre dependente da *ajuda humanitária*. Esta ajuda remete a um outro paradoxo apontado pelo autor: “...a vontade esmagadora de remover o perigoso refugio humano satisfazendo ao mesmo tempo o pungente impulso de retidão moral” (p. 97-98). Este depósito de lixo humano, como o autor caracteriza os campos de refugiados, não significa ser desejado pelo Outro, ser bem-vindo na *boa sociedade*. Significa apenas que o refugio está sob proteção e que de lá (do campo/depósito) não deve sair. A decisão de se movimentar e de se denominar ou não como um refugiado não pertence ao mesmo, mas sim às agências de *ajuda humanitária*.

Uma história um pouco diferente, porém, acomete aqueles seres redundantes que, ao contrário dos refugiados e imigrantes, pertencem ao próprio local que os torna supérfluos. Nesses casos, cujo exemplo tomado por Bauman

é o (hiper)gueto, os depósitos de lixo devem ser estabelecidos dentro da localidade que tornou os *de dentro* irrelevantes. Com a ausência de espaços vazios para onde pudessem ser deportados, os refugos produzidos localmente criam seus próprios espaços vazios, descritos como uma espécie de corpo estranho que não pode ser expelido, mas incessantemente deve receber dosagens alopáticas, intervenções estatais, para que permaneça escondido e não se alastre. Os (hiper)guetos urbanos são lixos das grandes cidades que não podem ser removidos (afinal, as áreas vazias não existem ou são de uma escassez tremenda!), apenas *guardados*. Aqui, o autor retoma a tese da função criminalizadora assumida pelo Estado em relação aos problemas sociais. Assim, o *Estado Guarnição* (referindo-se à denominação de Henry Giroux) se desobriga, ao contrário do *Estado Social*, a estabelecer as garantias sociais atendendo aos apelos das corporações transnacionais, ao mesmo tempo em que fortalece a luta contra os perigos domésticos. Neste sentido, as instituições sociais (que ainda não foram privatizadas) não buscam readaptar os inaptos para exercer funções sociais (visto que não mais as possuem), mas simplesmente colocar o refugo em contêineres. Como explicita o autor: “Em suma, as prisões, como tantas outras instituições sociais, passaram da tarefa de reciclagem para a de depósito de lixo” (p. 108).

A partir deste ponto, começa a ser enfatizado no texto os efeitos e as ações individuais em virtude dos aspectos anteriormente abordados. Bauman descreve os indivíduos da modernidade líquida envoltos em incertezas que se materializam na falta de instituições balizadoras (ou, como em uma inversão radicalizada, no excesso delas ou de outras formas de conselheiros) que apontem caminhos, soluções, ou pelo menos, *bureaus* de reclamação aos quais possam se dirigir. Não há a quem recorrer perante os danos colaterais da economia. As possibilidades de ser uma baixa colateral ampliam as incertezas e *estimulam* a busca de soluções individuais para problemas sociais. A ausência estatal nestes quesitos, atrelada ao apelo por saídas individuais, se constitui em um dos aspectos temáticos recorrentes na análise desenvolvida pelo autor. A este argumento, Bauman acrescenta que a precariedade desta condição humana gera a desconfiança. Para o autor, vivemos em um período em que “a confiança é substituída pela suspeita universal” (p.115). Nesta condição, segundo a argumentação, os compromissos – encarados na perspectiva da suspeita, do *até segunda ordem* – são uma forma de refugo que, como tal, estão sempre à disposição para serem depositados nos lixeiros das relações cotidianas.

Bauman, na análise desenvolvida no último capítulo, reforça a argumentação anterior ao apontar a transitoriedade da modernidade líquida articulada com a ênfase da vida individual na busca por longevidade. Esta aposta na vida está relacionada com vivenciar intensamente o presente ao invés do *adiamento da satisfação* como requisito para um futuro melhor. Viver o agora aparece como lema do colecionador de sensações, o consumidor, que necessariamente deve fazer escolhas

para alcançar metas estabelecidas em diferentes espaços e relações sociais. Para o autor, esta busca incessante pela novidade pode produzir as *vítimas do desejo*, que têm como uma de suas estratégias para o enfrentamento dos apelos cotidianos o *endividamento*. Endividar-se passou à denominação de algo normal para o consumidor (o integrado) que não quer ser *convidado à lixeira* mais próxima por ser encarado como algo velho, inapto, atrasado... um refugio. Segundo o autor: “A rejeição do novo é de mau gosto (...)” (p. 145).

A luta para não se tornar lixo produz novas formas de refugio dentro de uma cultura que o autor denomina como de *desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento*. Este tipo de cultura torna inerente a produção de refugos nas relações cotidianas, nos objetos adquiridos e nos compromissos suspeitosamente criados. Esta forma de cultura responsabiliza o indivíduo pelas escolhas efetuadas, as quais são realizadas num contexto transitório. O *homo oeconomicus* e o *homo consumens* são homens e mulheres sem vínculos sociais. Suas escolhas são testes diários que os indivíduos realizam para provar se devem ou não ser depositados nos lixos da sociedade de consumo que exacerba a busca pelo belo. A diferença em relação a outros períodos é que a beleza também se enquadra neste contexto de mobilidade. Não sendo o belo um ponto fixo, o gosto e o conhecimento adquiridos não são guias seguros neste tipo de cultura que preza pelo incessante cultivo do desejo. Ficar atento ao que é considerado belo tornou-se uma necessidade corriqueira para o consumidor no mercado cotidiano de corpos belos, visto que o feio tem como destino o depósito de lixo. Ao referir-se a esta questão, Bauman relembra a situação individual atual: “A sociedade de consumidores é uma sociedade de mercado. Todos nos encontramos totalmente dentro dele, e ora somos consumidores, ora mercadorias” (p. 151). Assim, dentro da ambigüidade presente nestas relações, o autor finaliza o livro apontando que esta lógica da provisoriidade afeta tanto o espaço público quanto o privado. A imagem de *amigos descartáveis* em *encontros velozes*, constituindo-se em cenas comuns na modernidade líquida, ilustra uma das preocupações do autor perante as relações humanas na atualidade. Essa descartabilidade das relações humanas, amplamente discutida por Bauman em *Amor líquido*, é apenas uma das possibilidades que o consumidor sente que controla e que o autor desconfia.

Essa desconfiança presente em *Vidas desperdiçadas* é a expressão do esforço *baumaniano* frente às ambigüidades da sociedade de consumidores. Como tentamos demonstrar, com as argumentações presentes neste livro Bauman não somente retoma temáticas já usuais de sua escrita sociológica, como também apresenta e desenvolve questões que estão a afligir a sociedade privatizada, desregulamentada e individualizante que adentra o século XXI. Por isso mesmo, aliás, sua leitura e análise crítica tornam-se imprescindíveis para todos aqueles preocupados em aprender a lidar com as ambivalências e incertezas que acossam a sociedade contemporânea.